

CHILE 62 | 50 ANOS





CHILE 62 | 50 ANOS



Delegação Brasileira



A consagração do futebol arte



Um dos fatos mais instigantes na crônica da Seleção de 1962 foi a atitude ativa e madura do grupo quando, aos 25 minutos do segundo jogo, perdeu Pelé que, aos 21 anos, já se consagrava como o maior craque da história do futebol. Era como se o time do Olimpo tivesse o próprio Zeus mancando em campo e não pudesse pôr outro no lugar. Afinal, o regulamento da época não permitia a substituição de jogadores, então quem iria assumir a responsabilidade de substituir Pelé? Mas o time não se abalou. Movido pelo orgulho de ter sido campeão em 1958, embalado pela consciência de que já exibia o melhor futebol do mundo, foi ao jogo seguinte, contra a Espanha, com a confiante determinação dos vencedores.

As previsões pessimistas, e eram muitas, asseguravam que não passaríamos das quartas de final contra a clássica seleção espanhola, dirigida por Helenio Herrera, técnico inventivo, mas que depois se veria era um tanto falastrão. Se o Brasil estava sem Pelé, a Espanha não tinha seu maior artilheiro, o argentino Di Stéfano, considerado um dos melhores jogadores do século XX.

Mas a “Fúria” dera cidadania também ao húngaro Puskas, o craque que vestia a camisa número 14 dos espanhóis e uma lenda do futebol europeu. Logo, Didi assumiu o comando do meio campo e Amarildo, o ponta de lança que entrara na vaga de Pelé, respondeu a Helenio Herrera, que perguntara antes do jogo “quem é Amarildo?”, fazendo os dois gols da vitória. Hoje, é fácil entender tamanha quantidade de craques no elenco canarinho, afinal sobravam semideuses do futebol, a começar por Garrincha, e mais Didi e Nilton Santos, Djalma Santos e Zito, Vavá, além de Zagallo, o grande responsável pelo sucesso da formação tática revolucionária 4-3-3, que foi apontado como o “jogador mais inteligente” da Copa.

A forma de arte que o jogador brasileiro concebeu com a bola nos pés fez dos estádios chilenos uma grande galeria a céu aberto. A palavra “pintura” ainda não era usada pelos comentaristas, mas a relação que viria a se estabelecer entre o futebol e a criatividade seria perfeita, aplicada a lances mágicos desenhados com astúcia e genialidade, ao rés ou acima da grama, como os dribles vaivéns de Garrincha, a maestria de Didi, os desarmes elegantes de Djalma,

as evoluções de Nilton Santos pela esquerda e as finalizações de Vavá e Amarildo.

As Copas de 1958 e 1962 formaram um ciclo em dois tempos. O time em si teve poucas mudanças. Se Bellini e Orlando saíram em 62, quem entrou foram os seus reservas de 58, Mauro Ramos e Zózimo e no Chile, a Seleção protagonizou uma proeza raríssima: excetuando a ausência de Pelé, jogou com o mesmíssimo time da primeira à última partida. A maioria dos jogadores estava na casa dos 30. O caçula foi justamente Amarildo, de 22 anos ,que não sabia que era impossível emular um rei e jogou como se estivesse em uma pelada na sua Campos de Goitacazes. Exatamente como Garrincha, o melhor da Copa, “o Anjo de Pernas Tortas” do poema de Vinicius de Moraes.

O sucesso em campo foi resultado de um “plano de trabalho neuroticamente detalhista”, conforme relata Ruy Castro no exemplar Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha (Companhia das Letras, 1995). Um planejamento minucioso e rigoroso, faltou desde 1930, sobretudo na desordem de 1950.

A partir de 58, pela primeira vez, a preparação da Seleção Brasileira foi tratada como assunto de interesse nacional. E não merecia menos. Como dizia o cronista Nelson Rodrigues, era a “pátria em calções e chuteiras”. A Confederação Brasileira de Desportos cuidou de superar o amadorismo dos clubes que contaminava a Seleção. Tudo foi previsto, medido e cronometrado as viagens, os alojamentos, os treinos, a comida, a saúde mental e física dos jogadores e

até as escapadas da noite. Na turma inicial de 33 convocados, contaram-se 470 dentes avariados – e jamais alguém se preocupara com isso.

Dois episódios atestam a audácia e a sabedoria da inovadora comissão técnica que decidia tudo coletivamente. Se Garrincha recusava-se a operar as amídalas no Botafogo, foi informado de que ou fazia a cirurgia ou não jogava na Seleção. Se Pelé estava machucado na véspera do embarque, concluiu-se que o Rei não perde a majestade, e o menino de 17 anos viajou contundido, recuperou-se e desabrochou na Europa.

Ao desembarcar no Chile, quatro anos depois, a equipe de veteranos estava ainda mais profissional, autoconfiante e temerária a qualquer adversário. Inscreveu, definitivamente, nos gramados do mundo, o encanto do futebol arte. A Seleção passou a ser sinônimo de excelência e consolidou um prestígio tal que derrotas em copas seguintes seriam esquecidas pelas vitórias que nos legaram um inédito pentacampeonato no esporte mais popular e competitivo do planeta, praticado ou admirado com paixão sem igual pelos brasileiros.

A Copa de 1962 consagrou a melhor Seleção e deixou para a história do futebol uma atitude que só os craques são capazes de tomar: decorriam pouco mais de 25 minutos do jogo entre Brasil e Tchecoslováquia. Pelé, machucado, mal andava em campo e recebeu um passe próximo à linha lateral. Masopust, capitão tcheco, aproxima-se, fica estático diante do

craque brasileiro e nem tenta tomar-lhe a bola. Pelé, então, joga para fora e começa a deixar o gramado. Masopust, respeitosamente, acompanha o futuro Rei do Futebol. O jogo terminou empatado em zero. E Masopust, sem saber, inaugurou o “jogue e deixe jogar”, que a FIFA apelidou de “fair play”.

Aldo Rebelo

Ministro do Esporte



■ Taça Jules Rimet



É com muita alegria e satisfação que tenho a oportunidade de cumprimentá-los por ocasião do Quinquagésimo Aniversário da Final da Copa de 1962.

Há 50 anos, os times do Brasil e da Tchécoslováquia disputaram o título mais valioso no esporte. Naquela época, a equipe tchecoslovaca foi uma das melhores do mundo. Em 1960, ela ganhou a terceira colocação na Copa da Europa e, em 1964, a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Foi uma geração extraordinária de futebol tcheco e eslovaco. Sob a direção do técnico Rudolf Vytlačil, as estrelas do time, como Josef Masopust – o Bola de Ouro de 1962 –, Viliam Schrojf – o melhor goleiro da Copa do Chile –, Ladislav Novák – o capitão da equipe, e muitos outros,

jogaram um futebol ofensivo, inteligente e bonito. Na final de 1962, o nosso time começou ganhando com um gol espetacular de Masopust, mas a Seleção Brasileira logo empatou e, após o intervalo, virou o resultado e venceu, com mérito, por 3 a 1. Mesmo assim, esse resultado continua como um dos maiores sucessos na história do nosso futebol.

O futebol é o esporte mais popular na República Tcheca e possui o maior número de torcedores e jogadores ativos. Curiosamente, de dez milhões de habitantes, há mais de 650 mil registrados, de diferentes níveis e idades. A rica história do futebol na República Tcheca começou em 1887, quando o primeiro jogo oficial foi anotado. Vinte anos depois, existiam mais de 100 clubes. Naquela época, os times mais famosos eram o Sparta Praga e o Slavia Praga. Com a criação da Tchécoslováquia em 1918, a popularidade desse jogo se intensificou ainda mais. Na Copa de 1934, na Itália, o time da Tchécoslováquia se tornou vice-campeão. Depois do sucesso no Chile, comemoramos a conquista da Copa da Europa em 1976 com o famoso pênalti do Antonín Panenka, de chapéu para o meio do gol, e, desde então, repetido por muitos craques. Em 1980, a mesma geração se consagrou campeã olímpica. Depois do estabelecimento da República Tcheca, o time ganhou o título de vice-campeão da Copa da Europa em 1996. A posição privilegiada dos futebolistas tchecos foi confirmada com o terceiro lugar no Campeonato Europeu em Portugal, em 2004, onde jogamos nosso melhor futebol. Jogadores como Pavel Nedvěd, vencedor da Bola

de Ouro em 2003, Petr Čech, Jan Koller e Tomáš Rosický conquistaram prestígio e fama jogando não somente pela seleção tcheca, mas também nas competições europeias.

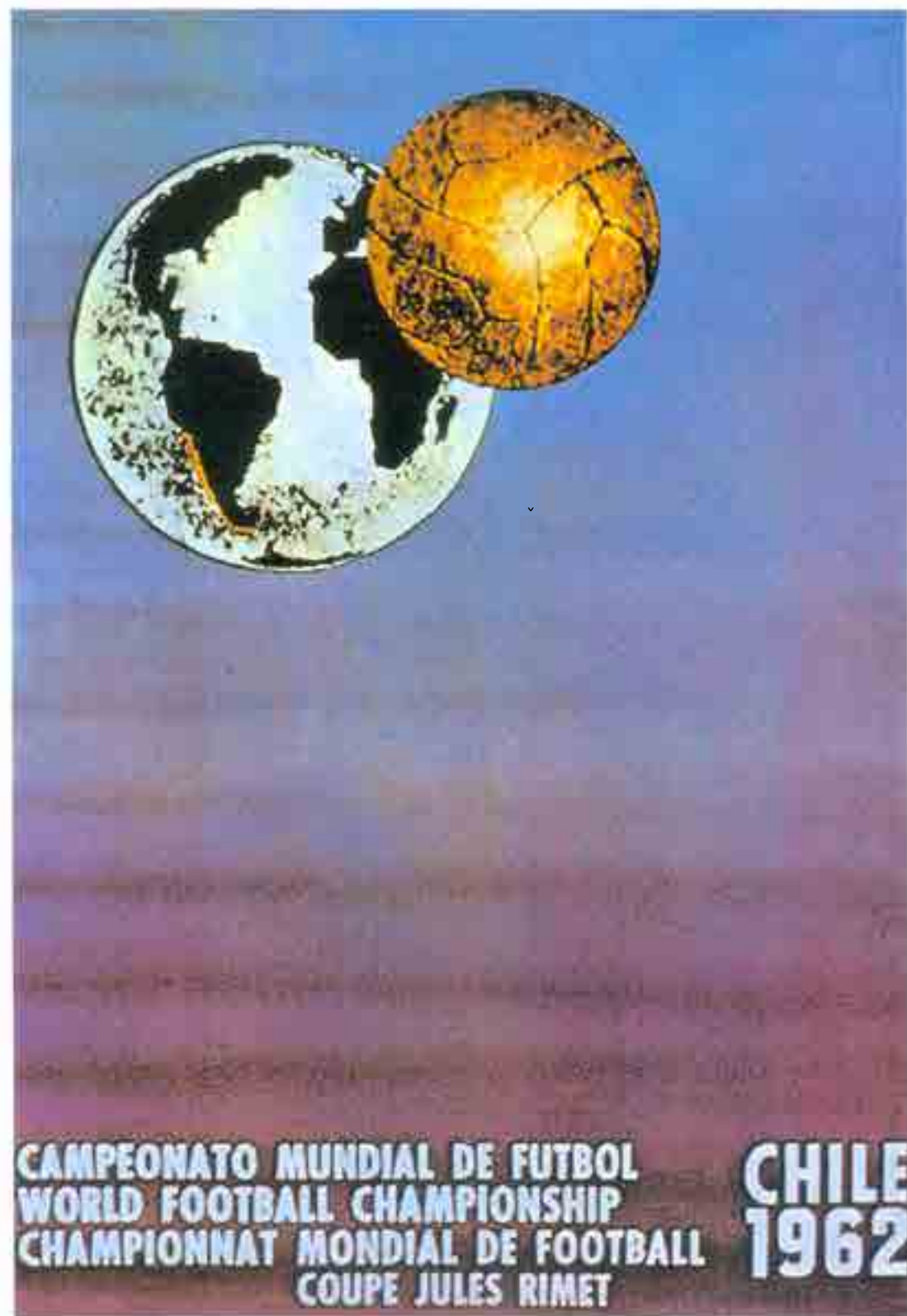
Gostaria de agradecer ao Ministério do Esporte e à Confederação Brasileira de Futebol por apoiar esta iniciativa de comemorar o quinquagésimo Aniversário da Grande Final. Esperamos assistir a um futebol brilhante, dinâmico e atraente para os espectadores na Copa do Mundo de 2014 contando com a presença da nossa seleção. Por parte dos torcedores tchecos, a repetição da Final da Copa de 1962 contra o Brasil seria um ótimo resultado.

Ivan Jančárek

Embaixador da República Tcheca no Brasil



Garrincha cercado por cinco marcadores ingleses



Da candidatura à organização	16
A preparação do Brasil	28
Começa o torneio	36
O show de Garrincha	50
As semifinais	58
A final	64
Os heróis da conquista	72
Os jogos do Brasil	84



Em 1956, o mundo passava por diversas transformações na política, economia, artes e esportes. Em 29 de outubro, tem início a crise de Suez. Israel invade a Península do Sinai e força as tropas do Egito para o outro lado do Canal de Suez. A URSS invade a Hungria para conter a chamada “Insurreição Húngara”. Em 2 de dezembro, Fidel Castro e seus seguidores desembarcam em Cuba para lutar contra a ditadura de Fulgêncio Batista. No continente africano, Marrocos e Tunísia se tornaram independentes nesse ano (ambos eram colônias da França). Na área de ciência e tecnologia, em contexto mundial, foi criado o importante componente eletrônico chamado de “transistor”, responsável pela revolução eletrônica na década seguinte. Os inventores, William Bradford Shockley, John Bardeen e Walter Houser Brattain, receberam o prêmio Nobel de Física.

O Rock ‘n’ Roll iniciava sua inexorável caminhada rumo à conquista dos corações e mentes da juventude. Em novembro de 1956, é lançado o filme *Love Me Tender*, que se torna um dos maiores sucessos de bilheteria. Com isso, vários hits de jovens cantores norte-americanos, com destaque para Elvis Presley, despontam na parada de sucessos e levam à loucura a garotada da época.

No Brasil, em 10 de fevereiro, Juscelino Kubitschek, o novo presidente, toma posse e expõe, em seu primeiro dia de governo, um excelente plano desenvolvimentista, que promete fazer o país avançar “50 anos em 5”. Numa dessas mudanças Juscelino entregou aos exímios arquitetos Lucio Costa e Oscar Niemeyer o projeto para a construção da nova capital brasileira, Brasília, que seria construída na região do Planalto Central.

Outro fato que marcou o Brasil foi a fabricação do primeiro automóvel nacional, denominado Romi-Isetta. Na Literatura, o livro *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, torna-se um dos maiores sucessos. No mundo da música, nessa época, ninguém falava em Bossa Nova, mas o apartamento onde morava Nara Leão, que ficava em frente ao Posto 4, já era o ponto de reunião dos rapazes bronzeados de Copacabana: Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli e outros. Se ainda não se compunham músicas, eles escutavam e trocavam muitas ideias a respeito.

Já no futebol do planeta, começa a ser traçado um divisor de águas na sua história que, em pouco tempo se tornaria um fenômeno mundial. Pelé, então com

15 anos, foi levado por Waldemar de Britto, antigo meia-direita da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1934, para treinar no Santos. Ele foi aprovado de imediato. No dia 07 de setembro, fazia a sua estreia no time profissional contra o Corinthians da cidade de Santo André. Daí em diante, o mundo do futebol não seria mais o mesmo.

Por se tratar de um ano em que aconteciam muitas mudanças e inovações a todo o mundo, a iniciativa do Chile de se candidatar em organizar a VII Copa do Mundo, que estaria em disputa no ano de 1962, veio de encontro a um clamor dos países do continente sul-americano junto à FIFA, principalmente após a realização de duas edições do torneio na Europa, a de 1954, que havia sido disputada na Suíça, e a de 1958, que seria disputada na Suécia.

Porém, a decisão final sobre o País-sede da competição seria conhecida no dia 10 de junho de 1956, data marcada para realização do Congresso da FIFA. A reunião aconteceu no auditório da Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, Portugal. Os países candidatos a sediar a Copa do Mundo de 1962 eram a Argentina, a Alemanha e o Chile. Momentos antes do início da votação, os alemães retiraram a sua candidatura, restando apenas os dois países sul-americanos. Assim, a Argentina e o Chile apresentaram as suas propostas à candidatura. Na apresentação da candidatura da Argentina, o seu representante, Raul H. Colombo, um argentino típico, terminou o seu discurso com uma frase nada modesta: “Nós podemos fazer o mundo de amanhã. Nós temos tudo isso”.



Discurso de abertura,
Stanley Rous, Presidente da FIFA

No dia seguinte, Carlos Dittborn Pinto, representante do Chile, fez uma apresentação brilhante e encerrou-o com uma frase que entrou para a história: “Temos de ter a Copa do Mundo, porque não temos nada”.

A votação foi iniciada e o Chile foi eleito com 32 votos a favor, enquanto a Argentina recebeu 10 votos, 14 países votaram em branco. Os votos das associações que definiram a escolha do Chile foram os seguintes: Bélgica, Brasil, Bolívia, Bulgária, Costa Rica, Curaçao, Tchecoslováquia, China, Dinamarca, Equador, Escócia, Estados Unidos, Finlândia, França, Gales, Hong-Kong, Holanda, Hungria, Irlanda, Irlanda do Norte, Islândia, Noruega, Panamá, Peru, Polônia, Portugal, Romênia, URSS, Suécia, Venezuela, Vietnã.

A escolha do país andino como responsável pela organização da Copa do Mundo se deu graças a um trabalho incansável de seus dirigentes esportivos mais importantes, com destaque especial para Carlos Dittborn Pinto, Juan Pinto Durán e Ignacio Iñiguez Undurraga. Confirmada a candidatura, imediatamente o Chile começou a cuidar da organização da VII Copa do Mundo. Imediatamente o Governo organizou um Comitê Nacional de Coordenação que seria presidido pelo Ministro do Interior, Sótero Del Río Gundián. Ele contava com o apoio entusiástico do recém-eleito presidente Jorge Alessandri Rodríguez, um fã do futebol. As quatro cidades-sedes escolhidas para abrigar o torneio foram: Santiago, capital do Chile; Viña Del Mar, conhecida como a pérola do Pacífico, localizada na província de Valparaíso; e Rancagua, capital da província de O’ Higgins e Arica, localizada no extremo do país.

Dos estádios que seriam utilizados na competição, apenas o estádio Braden, com capacidade para 25.000 espectadores, localizado em Rancagua, construído em 1945 e pertencente à empresa inglesa Braden Copper Company, exportadora de cobre, estava em condições de ser usado. Três novas praças esportivas foram erigidas em tempo recorde: o estádio Sausalito, com capacidade para 35.000 espectadores, localizado em Viña Del Mar; o estádio Carlos Dittborn Pinto, com capacidade para 25.000 espectadores, localizado em Arica; e o estádio Nacional, com capacidade para 77.000 espectadores e localizado em Santiago, que tinha, ao fundo, um deslumbrante cenário, — as montanhas cobertas de neve da Cordilheira dos Andes — e que seria o palco da final.

Mas, como nem tudo são flores, os responsáveis pela organização do evento e, principalmente, o povo chileno passariam por muitos percalços antes do início do torneio. Em 25 de novembro de 1956, falecia Ignacio Iñiguez Undurraga, um dos principais membros do comitê organizador. Um ano depois, em 3 de novembro de 1957, o comitê perdia outra grande figura, Juan Pinto Durán. Ou seja, dois dos responsáveis pelo sucesso da candidatura chilena não estariam presentes na disputa da competição que lutaram para trazer para os Andes.

Só que o pior ainda estava por vir. Em 22 de maio de 1960, exatamente dois anos antes do início da Copa do Mundo, o Chile foi o cenário do maior terremoto registrado na história mundial, que atingiu 9,5 graus na escala Richter. O abalo que, por si só, já seria uma





■ Estádio Nacional, Santiago

grande catástrofe, foi acompanhado de um tsunami, que gerou ondas que chegaram a dez metros de altura, atingindo toda a região sul do país. As cidades mais atingidas foram Valdivia e Concepción, além de pequenos povoados e pequenas comunidades habitantes em ilhas da costa chilena. O saldo foi arrasador, mais de dois mil mortos, três mil feridos e dois milhões de desabrigados.

Se, desde a escolha do Chile como país-sede surgiram dúvidas quanto à capacidade dos chilenos em organizar o torneio, elas aumentaram, principalmente por parte dos países europeus, que imaginavam

não ter o Chile condições financeiras para lidar com um evento deste porte, ainda mais depois de uma tragédia tão arrasadora.

Mas o que ninguém esperava era que a determinação e a tenacidade dos governantes e dirigentes chilenos, aliadas à fibra, ao espírito de luta e à cooperação da população, iria provar exatamente o contrário. Eles superaram todas as dificuldades, uma a uma, passo a passo e, com isso, conseguiram demonstrar um senso de organização acima das expectativas. Tudo isso ainda estaria aliado a uma recepção calorosa, proporcionada pelo povo chileno aos visitantes que chegavam

de todas as partes do país e do exterior. Essa união foi determinante para o sucesso do torneio.

Para que se possa ter uma ideia, a realização da Copa do Mundo causou uma mudança positiva sob todos os aspectos para a sociedade chilena e se transformou numa grande festa. Bares temáticos foram organizados, foram gerados muitos empregos, a televisão fez sua primeira aparição em massa ao transmitir jo-

gos ao vivo, televisores foram instalados em ruas e praças, o que permitiria que milhares de chilenos das camadas mais pobres que não teriam condições de adquirir ingressos e ir aos estádios pudessem assistir aos jogos e torcer pelas cores do seu país.

Em 18 de janeiro de 1962, no Hotel Carrera, localizado em Santiago, foi realizado o sorteio dos grupos, que ficaram definidos da seguinte forma:



■ Estádio Sausalito, Viña del Mar

Grupo I (Cidade de Arica)

Uruguai, Colômbia, União Soviética, Iugoslávia

Grupo II (Cidade de Santiago)

Chile, Suíça, Alemanha, Itália

Grupo III (Cidade de Viña del Mar)

Brasil, México, Espanha, Tchecoslováquia

Grupo IV (Cidade de Rancagua)

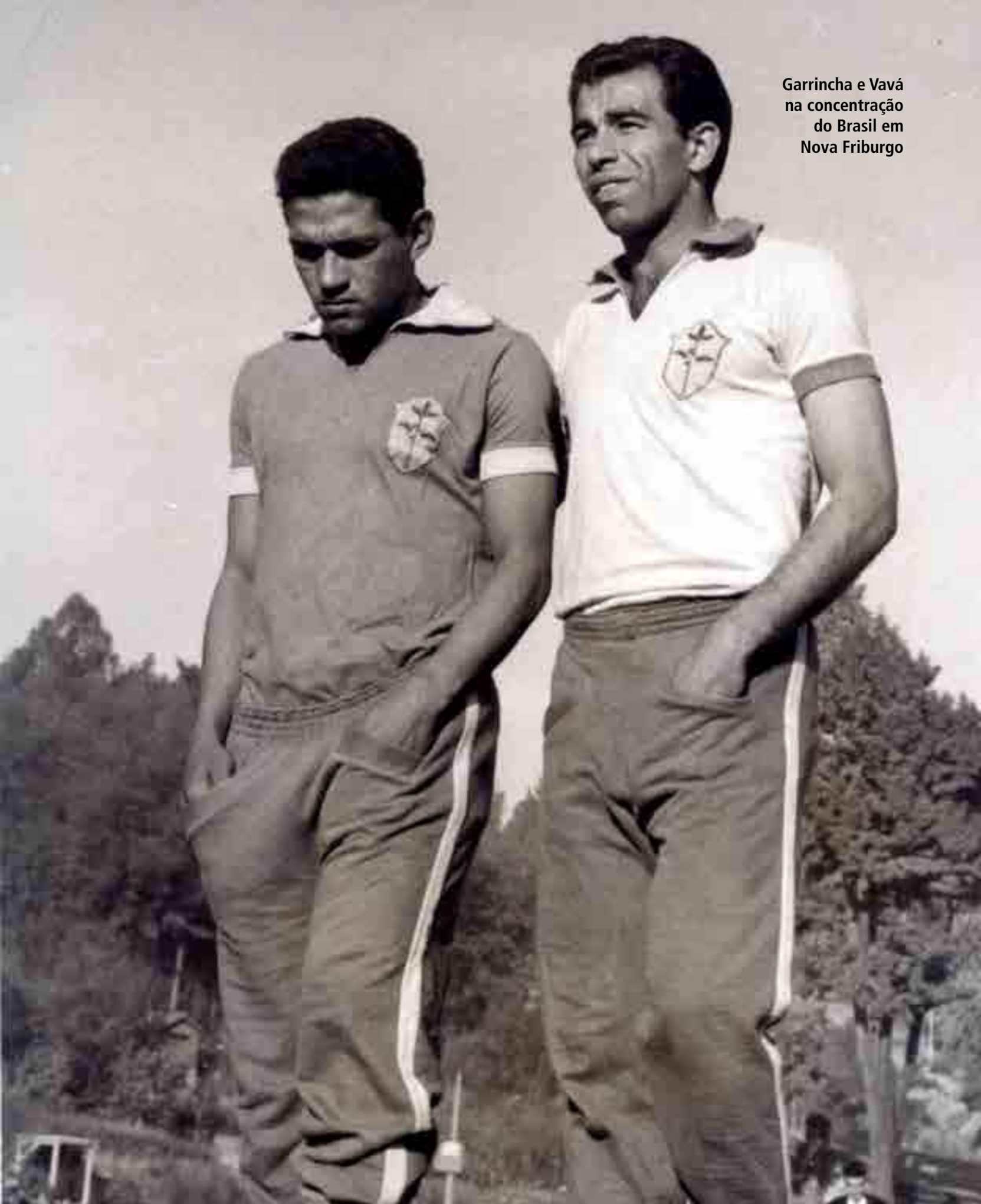
Argentina, Bulgária, Hungria, Inglaterra



■ Estádio Braden Cooper, Rancagua

Mas o esporte chileno ainda sofreria outro duro golpe, pouco antes do início da Copa. No dia 28 de abril de 1962, Carlos Dittborn Pinto, presidente do Comitê Executivo e grande responsável pela vitória da candidatura chi-

lena, morre de infarto aos trinta e nove anos, exatamente a trinta e dois dias do início do torneio. Pouco antes da competição, seu nome foi dado ao estádio da cidade de Arica como uma homenagem por tudo o que realizou.



Garrincha e Vavá na concentração do Brasil em Nova Friburgo



■ Estádio Carlos Dittborn, Arica

■ Em pé, da esquerda para a direita: Djalma Santos, Bellini, Zito, Calvet, Castilho e Nilton Santos.
Agachados: Santana (massagista), Garrincha, Didi, Coutinho, Pelé, Pepe e Mário Américo (massagista).





■ Em pé, da esquerda para a direita: Jair Marinho, Mário Américo (massagista), Jurandir, Gilmar, Djalma Dias, Rildo e Zequinha. Agachados: Jair da Costa, Mengálvio, Ney, Amarildo, Germano e Santana (massagista).



A preparação do Brasil



Na preparação para a disputa da Copa do Mundo de 1962, no Chile, a Seleção Brasileira seguiu basicamente o mesmo planejamento da competição anterior. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) seguiu à risca a máxima popular: em time que está ganhando não se mexe. No início da preparação, foram convocados 41 jogadores. A Seleção seguiu para Campos do Jordão para exames clínicos. Realizados todos os testes, a equipe seguiu para treinar em Nova Friburgo (RJ) e, depois, Serra Negra (SP). Nesse período de um mês de treinamento, seria decidida a lista de 22 jogadores.

Após a primeira etapa dos treinos, foram desconvocados Prado, Carlinhos, Ivan, Aírton, Barbosinha e Chinesinho.

O grupo restante ficou para a segunda etapa de preparação, que incluiu dois jogos contra o Paraguai, válidos pela Taça Oswaldo Cruz, quando, então, mais quatro jogadores foram desconvocados: Aldemar, Benê, o goleiro Laércio e Ney.

Vinte e nove jogadores prosseguiram para a terceira e última etapa de treinos, em que foram disputados dois amistosos contra Portugal, no Pacaembu. O Brasil venceu ambos, um por 4 a 0 e o outro por 2 a 1.

Finalmente, após os amistosos, saiu a lista definitiva dos 22 que viajariam para o Chile. Os últimos desconvocados foram: Djalma Dias, Joel, Calvet, Germano, Julinho, Rildo, Quarentinha e o goleiro Valdir Moraes.

Na realidade, apenas uma mudança aconteceu na Comissão Técnica de 1958, que foi a saída do psicólogo João Carvalhaes, que aconselhara barrar de Garrincha. Em seu lugar, entrou Ataíde Ribeiro, que mostrou aceitar com maior naturalidade o imponderável do futebol. Além deles, surgiram oito “caras novas”: Jair Marinho, Jurandir, Altair, Zequinha, Mengálvio, Jair da Costa, Coutinho e Amarildo, que substituíram, respectivamente, De Sordi, Orlando Peçanha, Oreco, Dino Sani, Moacir, Joel, Mazzola e Dida.

A seleção desembarcou no Chile com praticamente a mesma equipe titular que triunfou na Suécia, quatro anos antes. Se, por um lado, o Brasil tinha a

vantagem por conta da experiência dos veteranos; por outro, perdia em vigor atlético, já que sete, dos onze atletas, já haviam ultrapassado a casa dos trinta anos. Mas, segundo alguns jogadores, isto seria vantajoso, pois alegavam que, em quatro anos, tinham mais experiência e não necessitariam correr tanto para conseguir as vitórias. Por isso, ninguém da delegação encarou o fato como uma barreira a ser transposta. Isto sem contar que Pelé estava numa forma exuberante e, com apenas 21 anos de idade, puxaria a equipe rumo às vitórias. A Seleção se preparou diariamente no campo militar de Las Salinas à beira do oceano Pacífico.



■ No alto, na 1ª fila, da esquerda para a direita: Aymoré Moreira (treinador), José de Almeida, Hilton Gosling (médico), Mário Trigo (dentista), Paulo Amaral (preparador físico); Adolfo Marques (secretário), n.i. e Carlos Nascimento (supervisor). Na 2ª fila, da esquerda para a direita: Francisco de Assis (roupeiro), Gilmar, Calvet, Quarentinha, Mauro Ramos, Joel, Bellini e Santana (massagista). Na 3ª fila, da esquerda para a direita: Valdir, Didi, Djalma Santos, Pepe, Jurandir, Mengálvio, Nilton Santos, Vavá, Castilho, Julinho e Altair. Na 4ª fila, embaixo, da esquerda para a direita: Mário Américo (massagista), Coutinho, Jair da Costa, Germano, Rildo, Amarildo, Jair Marinho, Zito, Zagallo, Pelé, Garrincha e Zequinha.





■ Ao lado, Bellini, Djalma Santos, Zito, Nilton Santos, Zózimo e Gilmar, agachado durante os treinamentos em Las Salinas.

■ À esquerda, em pé: Djalma Santos, Zito, Zózimo, Altair, Castilho e Mauro. Agachados: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá, Zagallo.





A disputa pelo título da Copa do Mundo de 1962 prometia ser muito mais acirrada que as anteriores. Cinquenta e sete países se inscreveram para disputar o Mundial, superando o recorde do torneio anterior. Além disso, estavam presentes todos os campeões mundiais, Uruguai (1930, 1950), Itália (1934, 1938), Alemanha (1954) e Brasil (1958). Nas eliminatórias europeias, as vagas foram disputadas com todo o fervor, sempre com partidas empolgantes. Para que se possa ter uma ideia do nível de competitividade, a França e a Suécia, respectivamente terceira e segunda colocadas em 1958, ficaram de fora, eliminadas por Bulgária e Suíça. Diversas seleções europeias estavam entusiasmadas por conta dos seus últimos resultados, acreditando que teriam amplas chances de retornar com a taça Jules Rimet.

A Inglaterra, que vinha de vitórias diante da Escócia, Espanha e Itália; a Iugoslávia, medalhista de ouro nas Olimpíadas de Roma; a União Soviética, campeã europeia, que nos amistosos pela América do Sul contra Argentina, Uruguai e Chile, em novembro anterior, venceu todos. Itália e Espanha vinham reforçadas com a naturalização de jogadores estrangeiros: a Azzurra tinha os argentinos Maschio e Sivori, além do brasileiro Mazzola; já a “Fúria” foi ainda mais ousada, os espanhóis possuíam em seu plantel o paraguaio Martínez, o uruguaio Santamaría, o argentino Di Stéfano e o húngaro Puskas, além do treinador argentino Helenio Herrera.

O GRUPO I

A grande surpresa deste grupo foi a eliminação prematura da Seleção do Uruguai, campeã mundial de 1950. Na primeira partida do grupo, o Uruguai venceu a Colômbia por 2 a 1, de virada, após terminar o primeiro tempo em desvantagem no placar. No outro jogo, a URSS e a Iugoslávia travaram um grande duelo, que terminou com a vitória dos russos por 2 a 0. Esta partida foi marcada por jogadas violentas. Numa das disputas, ocorreu uma das entradas mais agressivas da história das Copas, feita pelo ponteiro iugoslavo Muhamed Mujic no lateral soviético Eduard Dubinskyi. Essa fratura foi tão violenta que o lateral soviético acabou sendo praticamente inutilizado para o futebol.

Na segunda rodada, muitas surpresas. Os iugoslavos se recuperaram, vencendo os uruguaiois por 2 a 1. Mas o grande jogo foi um surpreendente empate entre a URSS e a Colômbia que entrou para história das copas,

o placar da partida foi 4 a 4. A URSS virou o primeiro tempo vencendo por 3 a 1. No segundo tempo, os russos fizeram o quarto. A partir daí, teve início a reação colombiana, que, para surpresa de todos, conseguiu chegar ao empate. Nessa partida, aconteceu um fato inédito: o colombiano Marcos Coll marcou o primeiro gol olímpico da história das Copas do Mundo.

Na terceira rodada, o Uruguai dava adeus à competição ao ser derrotado pela URSS pelo placar de 2 a 1. Já a Iugoslávia tratou de despachar a zebra colombiana, goleando por 5 a 0 e garantindo a sua classificação junto com os russos.

O GRUPO II

Chile e Suíça realizaram a partida de abertura da Copa do Mundo. Os chilenos, donos da casa, após começarem perdendo, reagiram, fizeram 3 a 1 e venceram a tática do “ferrolho suíço”. A torcida chilena fez a festa no Estádio Nacional e nas ruas de Santiago. Na outra partida do grupo, um empate entre Itália e Alemanha por 0 a 0.

Mas as emoções dos jogos deste grupo estavam guardadas para a segunda rodada. Chile e Itália foram os protagonistas do jogo que ficou conhecido como a “Batalha de Santiago”. Com as duas seleções necessitando da vitória, os ânimos ficaram acirrados. Era a catimba sul-americana contra o sangue quente dos italianos. A péssima arbitragem do britânico Ken Aston colaborou para o descontrole. Neste jogo, valeu tudo, houve vários socos e pontapés dos dois lados e foram expulsos dois jogadores italianos, Ferrini e David. Ao

final, vitória do Chile por 2 a 0, gols de Ramírez e Jorge Toro. Na outra partida, a Alemanha venceu a Suíça por 2 a 1. Na última rodada, num jogo em que as duas seleções estavam classificadas, a Alemanha venceu o Chile por 2 a 0 e ficou com o primeiro lugar do grupo. O Chile ficou em segundo. Num jogo que não valia mais nada a Itália derrotou a Suíça por 3 a 0, mas a Azzurra estava fora das quartas de final.

O GRUPO III - O grupo do Brasil

Em sua estreia na Copa, o Brasil enfrentou a seleção mexicana. Na realidade, apenas dois campeões de 1958 perderam seus lugares para a estreia contra o México: Bellini, barrado por Mauro, em melhor forma física, e Orlando, descartado por estar jogando no Boca Juniors, foi trocado por Zózimo.

O Brasil estreou na Copa do Mundo da mesma maneira de sempre nas disputas desta competição. Apesar de ser um time experiente, a equipe demonstrava nervosismo, instabilidade e medo de errar. Embora sem conseguir uma goleada, que era o prognóstico normal de muitos torcedores, o Brasil passou sem dificuldades pelo México, vencendo por 2 a 0. A vitória só veio no segundo tempo. O México voltou mais fechado ainda procurando apenas se defender e, aos 11 minutos, Garrincha troca passes com Pelé pela direita, este cruza para o lado esquerdo e encontra Zagallo, que, de peixinho, marca o primeiro gol do Brasil.

O segundo gol veio aos 27 minutos numa jogada genial de Pelé, que entrou em diagonal pela direita, em velocidade, driblando Sepúlveda, Nájera e enganando

a outros defensores para atirar, de maneira inapelável, após a entrada na área sem defesa para Carbajal, sacramentando a vitória brasileira.

No outro jogo do grupo, a Tchecoslováquia venceu a Espanha de Puskas e Helenio Herrera por 1 a 0, gol de Stibranyi. Os espanhóis iniciaram o jogo pressionando, mas esbarravam na grande atuação de Schrojf e Popluhar, que suportavam a pressão espanhola com muita serenidade. Aos 17 minutos, Adamec perdeu uma grande oportunidade. A partir daí quem tomou conta do jogo foram os tchecos, que passaram a pressionar os espanhóis. Aos 40 minutos, a partida descambou para a violência e o árbitro chamou os capitães para conter os ânimos. A chuva e a baixa temperatura fizeram com que a partida não tivesse grandes atrativos no segundo tempo, até que, aos 37 minutos, Masopust usou toda a sua genialidade e fez um lançamento para Stibranyi. Ele passou por Santamaría em velocidade e tocou por cima de Carmelo, marcando o gol da vitória.

Na segunda rodada, o Brasil tinha pela frente a Tchecoslováquia, cuja base era do Dukla de Praga, uma equipe que impunha respeito pelo seu incontestável preparo físico e que também aliava a técnica e o talento de alguns dos seus jogadores, como, por exemplo, o goleiro Viliam Schrojf e do meio-campo Josef Masopust. Antes do início da partida, o treinador Aymoré Moreira alertava sobre o cuidado que deveriam se tomar com o adversário, que ele considerava perigoso. Ao final dos noventa minutos, o que se viu foi um jogo letárgico e sem grandes emoções, que terminou







com um empate em 0 a 0. Mas a nota triste do jogo foi a contusão de Pelé. Aos 27 minutos do primeiro tempo, ele arrisca um chute de fora da grande área, incontinentemente enfia a mão entre as duas pernas e fica paralisado, imóvel, sinalizando um gesto de muita dor. Era uma distensão na virilha. Pelé saiu de campo, foi atendido e voltou apenas para fazer número, mal conseguia caminhar. Seria a sua última participação na Copa do Mundo de 1962. Enquanto isso, a Espanha conseguia a sua primeira vitória na competição ao vencer o México por 1 a 0. O gol espanhol foi marcado por Peiró a um minuto do fim da partida. Vale ressaltar que o México teve o domínio da maior parte do jogo e foi muito prejudicado pela arbitragem.

Em seu último compromisso pela fase de grupos o Brasil teria pela frente a “Fúria Espanhola”. Sem contar com Pelé, todas as fichas estavam agora depositadas no garoto Amarildo. Foi uma partida difícilima. A Espanha fez 1 a 0 aos 35 minutos do primeiro tempo: Peiró fez um passe a Puskas, este lançou Adelardo, que tocou no canto esquerdo de Gilmar. Após o gol espanhol, alguns torcedores brasileiros mais pessimistas se resignaram, sem Pelé estaríamos fora do Mundial. Até porque a Espanha dominou todo o primeiro tempo, teve um gol mal anulado, e no início do segundo tempo, teve um pênalti a seu favor não marcado – Nilton Santos derrubou Adelardo próximo à risca da grande área, mas, muito esperto, o lateral brasileiro deu um passo a frente e o juiz chileno Sergio Bustamante viu a falta fora da área no início do segundo tempo. Amarildo, nervoso, se portava como se estivesse carregando nos ombros o peso de dez Pelés. É quando entra em

cena Mané Garrincha, gênio das pernas tortas, chamando para si a responsabilidade. Começava ali a jogar o seu Mundial particular, gastando todo o repertório de dribles e passes em busca do bicampeonato. Aos 27 minutos do segundo tempo, Zito rouba a bola de Rodríguez e lança Vavá, este domina e cruza para Zagallo, ele se livra de alguns adversários e cruza para Amarildo empatar a partida. O gol deu uma nova dinâmica ao jogo, com as duas equipes buscando a vitória a qualquer preço. Pouco mais de 40 minutos, Gilmar lança Nilton Santos com as mãos; ele desce pela esquerda e inverte para Didi, que invade a intermediária e toca para Garrincha, cercado dois espanhóis. Mané se livra dos dois, vai à linha de fundo e cruza para Amarildo meter a cabeça e fazer o gol da vitória e da classificação para as quartas de final. Aquele garoto de 22 anos, natural da cidade de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, vence a emoção e a ansiedade de 71 minutos e conquista o seu espaço.

E, embora a Espanha tenha sido um osso duro de roer, o encontro mais esperado acabou não ocorrendo. Em 1959, Didi trocara o Botafogo pelo Real Madrid. O argentino naturalizado espanhol Alfredo Di Stéfano, capitão e espécie de dono do time, enciumado, boicotou o brasileiro. Didi voltou ao alvinegro carioca. Di Stéfano explicou que o apoiador não acertara no Real porque “não encarnou o espírito da equipe”. No Chile, entretanto, fugiu do duelo com Didi, alegando contusão. Didi, afinal, saiu vitorioso, a exemplo da própria Seleção, que também superou a arrogância do técnico da Espanha, o argentino Helenio Herrera. Ele defendera a tese de que o Bra-









sil estava “contrariando a natureza”, escalando um “time cansado, viciado em um sistema para lá de conhecido”, referindo-se à média de idade da equipe de Aymoré, que andava pela casa dos 30 anos, e ao 4-3-3 disfarçado de 4-2-4 bem-sucedido na Suécia, que continuava sendo posto em prática. O jogo com a Espanha teve história, mas a tal teoria de Herrera, no frígir dos ovos, acabou derrotada.

A Tchecoslováquia, mesmo perdendo para o México por 3 a 1, ficou com a outra vaga. Os tchecos deram a saída, Kvasnak lançou Masopust, este tocou para Masek e chutou no canto direito de Carbajal com 20 segundos de bola rolando. Foi um início avassalador, mas que não teve continuidade. Surpreendentemente, os mexicanos reagiram. Aos 12 minutos, Hernández lançou Díaz, que empatou a partida. Aos 27 minutos, Masopust perde a bola, Del Águila dentro da área — o mexicano dominou e empatou a partida. Veio o segundo tempo e a partida caiu num

marasmo até os 44 minutos, quando Lala interceptou com a mão uma bola na área. Hernández cobrou o pênalti e marcou o terceiro gol mexicano.

O GRUPO IV

No Grupo 4, brilhou a Hungria, que se classificou de forma invicta, venceu a Inglaterra por 2 a 1 e aplicou uma goleada de 6 a 1 sobre a Bulgária. A grande decepção ficou por conta da Argentina, que mesmo jogando perto de sua torcida, foi eliminada nesta fase. Na primeira fase, venceu com dificuldades a fraca Bulgária por 1 a 0; em seguida foi derrotada pela Inglaterra por 3 a 1 e se despediu com um empate por 0 a 0 contra a Hungria. Vale ressaltar que, nessa partida, os húngaros contaram com uma grande atuação de Grosics, último remanescente do esquadrão húngaro de 1954. A outra vaga do grupo ficou com a Inglaterra que, apesar da derrota para a Hungria por 2 a 1, venceu os argentinos e garantiu a vaga com empate de 0 a 0 contra a Bulgária na última rodada.





Com Argentina e Uruguai eliminados na primeira fase, Chile e Brasil eram os únicos representantes da América do Sul nas quartas de final. As seis equipes restantes eram europeias. Os confrontos das semifinais foram: Brasil e Inglaterra, Chile e URSS, Iugoslávia e Alemanha e Tchecoslováquia e Hungria.

A Inglaterra era apontada como uma das favoritas ao título e, como cruzou o caminho do Brasil, seria o time da vez a ser batido. Logo no início da partida um fato inusitado. Um cachorro entrou em campo e a partida teve de ser paralisada por alguns minutos. Após dar um show de dribles em vários jogadores o cãozinho finalmente se rendeu ao lateral Greaves e a partida foi reiniciada. Após um início equilibrado, o Brasil passou a mandar no jogo, principalmente com Garrincha, que, inspirado, estava levando à loucura os defensores ingleses. Aos 31 minutos, Nilton Santos desce pela esquerda e lança Zagallo, ele avança até a linha de fundo, mas é interceptado por Armfield, que

cede o escanteio. Zagallo levanta na área, Garrincha aparece pelo meio da defesa inglesa, sobe mais que o becão Maurice Norman e cabeceia, sem defesa, para Springett: 1 a 0. Apesar do amplo domínio do Brasil, a Inglaterra conseguiu chegar ao empate. Aos 38 minutos, Zagallo comete falta em Douglas pelo lado esquerdo da intermediária brasileira. Haynes bate, Gilmar salta e a bola toca no travessão. Hitchens aproveita o rebote para empatar a partida. Apesar de toda a pressão dos brasileiros, o primeiro tempo terminou com o placar de 1 a 1.

O Brasil voltou com tudo para o segundo tempo e, logo aos 8 minutos, marcou o segundo gol. Bobby Moore cometeu toque próximo à meia-lua, quando Zito tentava um lançamento para Vavá. Garrincha cobra com violência, a bola explode no peito de Springett e sobe. Vavá aparece na corrida e cabeceia para as redes inglesas.

Passados três minutos, Mauro desarma Douglas no meio campo, ele passa para Didi, que avança pela intermediária e lança Amarildo no lado esquerdo. O meia atrasa para Garrincha, que invade a área e chuta com violência, no ângulo, sem defesa para Springett. Daí até o final da partida foi um show de Garrincha. O Brasil venceu por 3 a 1 e estava classificado para as semifinais.

A atuação dos brasileiros também foi destacada em diversos jornais estrangeiros. O *Daily Mail* escreveu: "Seria impossível à Inglaterra, apesar do esforço despendido, superar uma brilhante constelação de estre-

las na qual se destaca o demoníaco Garrincha". Já o *Daily Mail* destacou: "O Brasil é uma equipe de onze diamantes". *El Mercurio*: "O triunfo brasileiro foi claro, indiscutível e amplo".

A *UPI* escreveu: "Garrincha não é um Super Stanley Matthews, é o Garrincha – primeiro e único no universo".

Vale destacar que, antes do início da partida contra a Inglaterra, Garrincha foi provocado, ainda no vestiário, por conta das declarações do lateral Ronald Flowers, que prometeu anular o atacante brasileiro. Provocado – "Garrincha, o tal de Fralda disse vai acabar contigo" –, Flowers não viu a cor da bola e Mané levou à loucura, dando um baile nos outros defensores ingleses. Até gol de cabeça marcou. Em uma das atuações individuais mais impressionantes de um atleta na história das Copas do Mundo.

Nas outras partidas das quartas de final, poucas surpresas. Num jogo equilibrado, a Alemanha foi derrotada pela Iugoslávia pelo placar de 1 a 0, o gol foi marcado por Radak, aos 41 minutos do segundo tempo. Ao final do jogo, o técnico alemão Sepp Herberger disse: "É preciso sempre um pouco de sorte para ganhar uma Copa do Mundo. Agora paciência, essa nós não perdemos, ao contrário, começamos hoje a preparação para 1966".

Em Rancagua, a Tchecoslováquia venceu a Hungria por 1 a 0. Os húngaros dominaram toda a partida e desperdiçaram inúmeras oportunidades de marcar, principalmente pelo fato de se tratar de uma equipe muito





jovem e inexperiente. Já a Tchecoslováquia procurava impor o seu ritmo de jogo por conta do seu excelente preparo físico. Além disso, contaram com uma grande atuação do goleiro Schrojf. O gol dos tchecos foi marcado por Scherer, aos 14 minutos do primeiro tempo, num lance duvidoso. Houve reclamação dos húngaros, alegando que o atacante tcheco estava impedido.

Já no confronto entre chilenos e soviéticos, os anfitriões surpreenderam e venceram por 2 a 1. Todos os gols aconteceram no primeiro tempo. Aos 11 minutos, os chilenos abriram o placar. Leonel Sánchez cobrou uma falta de longe e o goleiro Yashin falhou. Quinze minutos depois Chislenko empatou a partida, mas a comemoração não demorou muito – um minuto depois, Eladio Rojas recebe um lançamento e marca o gol da vitória do Chile. No segundo tempo, a partida foi marcada pelo equilíbrio, com os russos buscando o empate e o Chile na tentativa de ampliar o placar, o que não aconteceu.



Na disputa por uma vaga na final, o Brasil teria pela frente os donos da casa, o Chile. Na outra partida, o confronto seria entre Tchecoslováquia e Iugoslávia.

Durante toda a competição, este foi o único momento em que os torcedores anfitriões, sempre simpáticos com a Seleção, passaram a torcer contra os atletas canarinhos muito justificado, até porque o adversário do Brasil era o Chile.

Só que a presença de mais de 76.000 espectadores, que superlotaram o Estádio Nacional, não iria ser suficiente para abalar os experientes brasileiros, já que, na final de 1958, a Seleção também havia enfrentado os donos da casa, a Suécia. Com a vitória contra os russos, um clima de euforia tomou o Chile de assalto. Os, até então, desconfiados torcedores com a oscilante equipe do treinador Fernando Riera, vislumbram a chance de disputar uma final de Copa do Mundo.

Por conta disso, o clima que esperava o Brasil para o jogo no Estádio Nacional de Santiago em nada lembrava a tranquilidade de Viña Del Mar.

Só que os brasileiros estavam dispostos a provar que jogo se ganha no campo. Logo aos 9 minutos, o en-diabrado Garrincha abriu o placar. Amarildo lançou Vavá na área, este, muito marcado, rolou para Garrincha, que, em velocidade, fuzilou Escuti, fazendo 1 a 0. Apoiados pela torcida, os chilenos partiram em busca do empate e chegaram algumas vezes com perigo ao gol brasileiro. Por outro lado, o Brasil era sempre muito perigoso nos contra ataques. Aos 31 minutos, veio o segundo gol do Brasil; Zagallo lança Vavá, mas a zaga do Chile cede o escanteio, Zagallo cobrou e Garrincha salta mais que o zagueiro chileno e marca de cabeça o segundo gol brasileiro.

O Chile diminuiu ainda no primeiro tempo. Zito cometeu falta em Landa, Toro bateu com maestria no ângulo, sem defesa para Gilmar aos 42 minutos.

Veio a etapa final e o Chile não teve nem tempo de esboçar uma reação em busca do empate. Aos 3 minutos, Garrincha cobrou um escanteio, Vavá saltou mais que a zaga chilena e cabeceou, sem chances de defesa para Escuti, Brasil 3 a 1. Os chilenos partiram para tentar descontar a diferença e quase marcaram num perigoso chute de Leonel Sánchez. Aos 16 minutos, Toro rouba uma bola e toca para Landa, que chuta, a bola bate no braço de Zózimo, nitidamente



bola na mão, mas o árbitro peruano Arturo Yamasaki marca pênalti. Leonel Sánchez bate e diminui para 3 a 2. Mesmo com o segundo gol chileno, o Brasil continuava absoluto no jogo e marcou o quarto gol. Aos 32 minutos, Zagallo escapou pela ponta e cruzou, Garrincha e Vavá saltaram juntos e o centroavante tocou de cabeça para o fundo das redes, fazendo 4 a 2.

A partir daí, o jogo começou a ficar violento e Landa foi expulso por reclamação. Minutos depois, cansado de tanto apanhar, Garrincha perde a cabeça, revida uma entrada de Rojas com um pontapé, o assistente Luis Antonio Ventre viu o lance comunicou ao árbitro e Mané foi expulso de campo. Enquanto caminhava para o vestiário, foi atingido por uma pedrada. Ao final da partida, tudo foi esquecido e os jogadores do Chile pediram o apoio da torcida chilena para a

Seleção Brasileira, enquanto os jogadores se confraternizavam em campo.

Na outra partida da semifinal, realizada em Viña Del Mar, no Estádio Sausalito, a Tchecoslováquia venceu a Iugoslávia por 3 a 1. As duas equipes entraram em campo nervosas e muito cautelosas, recuadas, mantendo as raízes do estilo do futebol europeu. As jogadas de maior perigo dependiam, exclusivamente, da habilidade individual dos atacantes de ambas as equipes. Os gols só vieram no segundo tempo. Aos 4 minutos, Kadraba recebeu de Pospichal e marcou o primeiro gol tcheco. A Iugoslávia tentou uma reação acertando uma bola na trave e outra no travessão, mas seus jogadores perderam a cabeça e passaram a praticar jogadas violentas, que eram respondidas pelos tchecos com a mesma tenacidade. Até que aos 25 minutos, veio o empate com Jerkovic de cabeça. Aos 35 minutos, Kadraba lançou Scherer que desempatou. Quatro minutos depois, Markovic mete a mão na bola na área. Scherer cobrou o pênalti e colou os tchecos na final. Aos iugoslavos, restava a disputa pelo terceiro lugar contra o Chile.

Na disputa pelo terceiro lugar, o Chile venceu a Iugoslávia por 1 a 0, gol marcado por Eladio Rojas aos 45 minutos do segundo tempo. Esta vitória garantiu ao Chile a sua melhor colocação na história das Copas do Mundo. O povo chileno varou a madrugada, comemorando pelas ruas a inédita campanha da sua seleção, principalmente por conta de todo o sofrimento e dificuldades passados para a organização do maior evento do futebol mundial.





Após superar as poderosas Alemanha e Iugoslávia nas quartas e semifinais, a Tchecoslováquia chegava contra o Brasil à sua segunda final de Copa do Mundo (na primeira, havia sido derrotada pela Itália, em 1934). E os tchecos estavam dispostos a fechar a sua surpreendente campanha com chave de ouro.

Pelo lado brasileiro, a preocupação era Garrincha, que havia sido expulso no jogo contra o Chile após reagir a provocações de Eladio Rojas. Numa manobra inteligente, João Havelange conseguiu convencer o árbitro assistente a abandonar o país-sede da Copa antes do julgamento de Mané. Na sua ausência, e sem a narrativa exata do que se passara no gramado do Estádio Nacional, a Comissão Executiva da FIFA absolveu o jogador brasileiro.

Disposta a provar que a luta pelo título seria dura, a Tchecoslováquia quase abriu o placar aos 1 minuto de jogo com Scherer. Dois minutos depois, Pospichal, livre, chuta por cima do travessão de Gilmar. A resposta do Brasil foi contundente: Vavá tabelou com Garrincha e acertou uma bomba no poste esquerdo de Schrojf. O jogo seguiu com as equipes atuando ofensivamente, buscando o primeiro gol de todas as maneiras, até que aos 15 minutos, Masopust recebe a bola na intermediária e vai carregando sem receber a marcação de ninguém, bate da entrada da área no canto de Gilmar e abre o placar. Pela segunda vez seguida, a Seleção saía atrás no placar numa final de Copa do Mundo.

A reação do Brasil foi imediata, dois minutos depois, Zagallo bate um lateral em direção a Amarildo próximo à linha de fundo, ele ameaça uma jogada de linha de fundo e surpreende Schrojf, batendo quase, sem ângulo, no canto oposto do goleiro, estava decretado o empate. Após o gol, o Brasil tomou as rédeas da partida e desperdiçou muitas oportunidades. Aos 21 minutos, Zagallo recebeu de Amarildo e Schrojf espalmou a escanteio. Quatro minutos depois, Zagallo lança Nilton Santos, que chuta por cima do travessão. A Tchecoslováquia só levaria perigo aos 33 minutos com Kvasnák, que chutou com perigo. O último lance de perigo aconteceu a favor do Brasil, no último minuto do primeiro tempo: Zito lançou Amarildo, que chutou com perigo rente à trave.

Veio o segundo tempo e o panorama da partida se alterou muito pouco. O Brasil, com mais presença de ataque, exercia uma pressão maior em busca do se-

gundo gol, que veio aos 24 minutos. Vavá lançou Amarildo pelo lado esquerdo, próximo à linha de fundo. Ele cruza pelo alto Inteligente, Vavá se desloca levando dois marcadores e Zito entra livre no segundo pau para cabecear sem chances, contra o goleiro tcheco. Os tchecos tentam buscar uma reação, mas o Brasil joga bem e prende a bola no ataque, com jogadas de Garrincha, Vavá e Didi. Nove minutos depois, veio o terceiro gol: Garrincha tenta um drible e o zagueiro Novak cede o lateral. O próprio Garrincha cobra para Vavá, que avança e chuta com violência, Schrojf não consegue segurar a bola e Vavá, se aproveitando do vacilo do goleiro, entra e marca o terceiro gol do Brasil. O atacante brasileiro se tornou o primeiro jogador a marcar em duas finais de copa consecutivas.

A partir do terceiro gol, a Tchecoslováquia perdeu o poder de tentar reagir e quase sofre o quarto. Numa cobrança de falta de Didi, que passou rente ao travessão, e num chute de Amarildo no último minuto de jogo. Final, o Brasil vence por 3 a 1 e se torna Bicampeão Mundial.

Vale ressaltar que Garrincha disputou a final com 38 graus de febre, mas a sua simples presença foi suficiente para assustar, tanto que o treinador tcheco Rudolf Vytlačil pôs sempre dois homens a vigiá-lo, deixando que Amarildo e Vavá voltassem a fazer a festa. Fim de jogo, novamente o choro pela conquista de um título mundial repetiu-se no Chile: Djalma Santos, Nilton Santos, Gilmar, Zito e Zagallo, entre outros, deixaram suas lágrimas no gramado do Estádio Nacional, em Santiago. Mauro Ramos reproduziu o gesto de





Bellini e levantou a Jules Rimet acima de sua cabeça, para todo o planeta testemunhar. Ali o Brasil ratificava que era o dono do futebol mundial.

Na noite da vitória, aconteceu uma cerimônia de gala no Hotel Carrera, em Santiago. Os bicampeões mundiais receberam das mãos de Sir Stanley Rous, presidente da FIFA, as medalhas e diplomas referentes à conquista da VII Copa do Mundo. No dia 18 de junho,

logo após a conquista, a festa: os bicampeões desembarcaram no aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, em sua volta para casa. Foram recebidos por mais de dois milhões de pessoas, que comemoravam a conquista desfilando em carro aberto do Corpo de Bombeiros pelas ruas do Rio de Janeiro. No alto do carro, juntos Bellini, capitão de 58 e Mauro, capitão de 62 representavam um símbolo que unia definitivamente as conquistas da Suécia e do Chile.





Goleiros

Castilho



Nome: Carlos José Castilho.

Nascimento: 27 de novembro de 1927, Rio de Janeiro (RJ).

Falecimento: 02 de fevereiro de 1987, Rio de Janeiro (RJ).

Participação em Copas do Mundo: 1950, 1954, 1958, 1962.

Em Copas do Mundo: 3 jogos, 1 vitória, 1 empate, 1 derrota e 5 gols sofridos.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958, 1962.

Campeonato Pan-Americano de Futebol: 1952.

Copa Roca: 1957.

Taça Oswaldo Cruz: 1950, 1961, 1962.

Taça Bernardo O'Higgins: 1955.

Clubes da Carreira: Olaria Atlético Clube (RJ - 1945 a 1948); Fluminense Football Clube (RJ - 1947 a 1965); Paysandu Sport Club (PA - 1965).

Gilmar



Nome: Gylmar dos Santos Neves.

Nascimento: 22 de agosto de 1930, Santos (SP).

Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962, 1966.

Em Copas do Mundo: 14 jogos, 11 vitórias, 2 empates, 1 derrota, 13 gols sofridos.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958, 1962.

Taça do Atlântico: 1956, 1960.

Copa Roca: 1957, 1960, 1963.

Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1958, 1961, 1962, 1968.

Taça Bernardo O'Higgins: 1955, 1959, 1961.

Clubes da Carreira: Jabaquara Atlético Clube (Santos-SP) (1951); Sport Club Corinthians Paulista (SP) (1951 a 1961); Santos Futebol Clube (1962 a 1969).

Laterais

Altair



Nome: Altair Gomes de Figueiredo.

Nascimento: 22 de janeiro de 1938, Niterói (RJ).

Participação em Copas do Mundo: 1962, 1966.

Em Copas do Mundo: 2 jogos, 1 vitória, 1 derrota.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1962.

Copa Roca: 1963.

Taça Oswaldo Cruz: 1961, 1962.

Taça Bernardo O'Higgins: 1959, 1961.

Clubes da Carreira: Fluminense Football Club (RJ) (1955 a 1970).

Djalma Santos



Nome: Dejalma dos Santos.
Nascimento: 27 de fevereiro de 1929, São Paulo (SP).

Participação em Copas do Mundo: 1954, 1958, 1962, 1966.

Em Copas do Mundo: 112 jogos, 8 vitórias, 2 empates, 2 derrotas, 1 gol.

Títulos pela Seleção Brasileira: Copa do Mundo: 1958, 1962.

Campeonato Pan-Americano de Futebol: 1952.

Taça do Atlântico: 1956, 1960.

Copa Roca: 1957, 1960, 1963.

Copa Rio Branco: 1968.

Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1956, 1962.

Taça Bernardo O’Higgins: 1959.

Clubes da Carreira: Associação Portuguesa de Desportos (SP) (1948 a 1958); Sociedade Esportiva Palmeiras (1958 a 1968); Clube Atlético Paranaense (1969 a 1970).

Jair Marinho



Nome: Jair Marinho de Oliveira.

Nascimento: 17 de julho de 1936, Santo Antônio de Pádua (RJ).

Participação em Copas do Mundo: 1962.

Em Copas do Mundo: nenhum jogo.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1962.

Taça Oswaldo Cruz: 1961, 1962.

Taça Bernardo O’Higgins: 1961.

Clubes da Carreira: Fluminense Football Club (RJ) (1956 a 1963); Associação Portuguesa de Desportos (SP) (1964 a 1965); Sport Club Corinthians Paulista (SP) (1965 a 1967); Clube de Regatas Vasco da Gama (RJ) (1967); Campo Grande Atlético Clube (RJ) (1970).

Nílton Santos



Nome: Nílton dos Santos.
Nascimento: 16 de maio de 1925, Rio de Janeiro (RJ).

Participação em Copas do Mundo: 1950, 1954, 1958, 1962.

Em Copas do Mundo: 15 jogos, 11 vitórias, 3 empates, 1 derrota, 1 gol.

Títulos pela Seleção Brasileira: Copa do Mundo: 1958, 1962.

Campeonato Pan-Americano de Futebol: 1952.

Campeonato Sul-Americano: 1949.

Taça do Atlântico: 1956, 1960.

Copa Rio Branco: 1950.

Taça Oswaldo Cruz: 1950, 1955, 1961, 1962.

Taça Bernardo O’Higgins: 1955, 1961.

Clubes da Carreira: Botafogo de Futebol e Regatas (RJ) (1948 a 1964).

Zagueiros

Bellini



Nome: Hideraldo Luis Bellini.

Nascimento: 21 de junho de 1930, Itapira (SP).

Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962, 1966.

Em Copas do Mundo: 8 jogos, 6 vitórias, 1 empate, 1 derrota.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958, 1962.

Taça do Atlântico: 1960.

Copa Roca: 1957, 1960.

Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1961, 1962.

Taça Bernardo O’Higgins: 1959.

Clubes da Carreira: Itapirense Futebol Clube (SP) (1947 a 1948); Sociedade Espotiva Sanjoanense (São João da Boa Vista-SP) (1949 a 1951); Clube de Regatas Vasco da Gama (RJ) (1952 a 1961); São Paulo Futebol Clube (SP) (1962 a 1967); Clube Atlético Paranaense (1968 a 1969).

Jurandyr



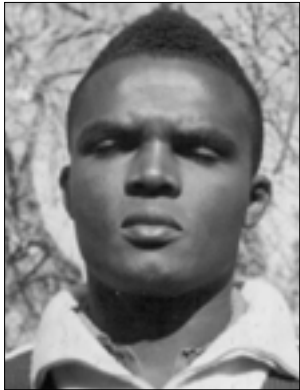
Nome: Jurandyr de Freitas.
Nascimento: 12 de novembro de 1940, Marília (SP).
Falecimento: 6 de março de 1996, São Paulo (SP).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: nenhum jogo.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Copa Rio Branco: 1967, 1968.
Taça Oswaldo Cruz: 1962, 1968.
Clubes da Carreira: Associação Atlética São Bento (Marília-SP) (1959 a 1962); São Paulo Futebol Clube (SP) (1962 a 1972); Marília Atlético Clube (Marília-SP) (1972); Operário Futebol Clube (MT) (1973); Amparo Atlético Clube (Amparo-SP) (1976); União de Mogi das Cruzes (Mogi das Cruzes-SP) (1979).

Mauro Ramos



Nome: Mauro Ramos de Oliveira.
Nascimento: 30 de agosto de 1930, Poços de Caldas (MG).
Falecimento: 18 de setembro de 2002, Poços de Caldas (MG).
Participação em Copas do Mundo: 1954, 1958, 1962.
Em Copas do Mundo: 6 jogos, 5 vitórias, 1 empate
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962.
Campeonato Sul-Americano: 1949.
Copa Roca: 1957, 1963.
Copa Rio Branco: 1950.
Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1961, 1962.
Taça Bernardo O’Higgins: 1955, 1961.
Clubes da Carreira: Sociedade Esportiva Sanjoanense (São João da Boa Vista-SP) (1947); São Paulo Futebol Clube (SP) (1948 a 1959); Santos Futebol Clube (SP) (1960 a 1966); Deportivo Toluca Fútbol Club (MEX) (1967 a 1968).

Zózimo



Nome: Zózimo Alves Calazães.
Nascimento: 19 de junho de 1932, Salvador (BA).
Falecimento: 17 de julho de 1977, Rio de Janeiro (RJ).
Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962.
Em Copas do Mundo: 6 jogos, 5 vitórias, 1 empate.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962.
Taça do Atlântico: 1956.
Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1956, 1958, 1962.
Clubes da Carreira: São Cristóvão Futebol e Regatas (RJ) (1948 a 1950); Bangu Atlético Clube (RJ) (1951 a 1965); Clube de Regatas do Flamengo (RJ) (1965); Associação Atlética Portuguesa (RJ) (1965 a 1966); Associação Esportiva Guaratinguetá (SP) (1966); Club Sporting Cristal (PER) (1966 a 1967).

Meias

Didi



Nome: Waldir Pereira.
Nascimento: 08 de outubro de 1928, Campos dos Goytacazes (RJ).
Falecimento: 12 de maio de 2001, Rio de Janeiro (RJ).
Participação em Copas do Mundo: 1954, 1958, 1962.
Em Copas do Mundo: 15 jogos, 11 vitórias, 3 empates, 1 derrota, 3 gols.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962.
Campeonato Pan-Americano de Futebol: 1952.
Taça do Atlântico: 1956.
Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1958, 1961, 1962.
Taça Bernardo O’Higgins: 1955, 1961.
Clubes da Carreira: Industrial Futebol Clube (Campos-RJ) (1946); Rio Branco Futebol Clube (Campos-RJ) (1947); Clube Atlético Lençoeense (Lençóis Paulista-SP) (1947); Madureira Esporte Clube (RJ) (1948 a 1949); Fluminense Football Club (RJ) (1949 a 1956); Botafogo de Futebol e Regatas (RJ) (1956 a 1958, 1960 a 1962, 1964 e 1965); Real Madrid Club de Fútbol (ESP) (1959 a 1960); Club Sporting Cristal (PER) (1963); Club Fútbol Vera Cruz (MEX) (1965 a 1966); São Paulo Futebol Clube (SP) (1964 e 1966).(1962 a 1967); Clube Atlético Paranaense (1968 a 1969).

Mengálvio



Nome: Mengálvio Pedro Figueiró.
Data de Nascimento: 17 de dezembro de 1939, Laguna (SC).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: nenhum jogo.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Copa Roca: 1963.
Taça Oswaldo Cruz: 1962.
Clubes da Carreira: Clube Esportivo Aimoré (São Leopoldo-RS) (1957 a 1959); Santos Futebol Clube (SP) (1960 a 1967 e 1969); Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (RS) (1968); Club Deportivo Los Millonarios (COL) (1969).

Zequinha



Nome: José Ferreira Franco.
Data de Nascimento: 18 de novembro de 1934, Recife (PE).
Data de Falecimento: 25 de setembro de 2009, Recife (PE).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: nenhum jogo.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Taça do Atlântico: 1960.
Copa Roca: 1963.
Taça Oswaldo Cruz: 1962.
Clubes da Carreira: Auto Esporte Clube (PB) (1954 a 1955); Santa Cruz Futebol Clube (PE) (1955 a 1957); Sociedade Esportiva Palmeiras (SP) (1958 a 1965 e 1965 a 1968); Fluminense Football Club (RJ) (1965); Clube Atlético Paranaense (PR) (1968 a 1970); Clube Náutico Capibaribe (PE) (1970).

Zito



Nome: José Ely de Miranda.
Data de Nascimento: 08 de agosto de 1932, Roseira (SP).
Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962, 1966.
Em Copas do Mundo: 10 jogos, 9 vitórias, 1 empates, 1 gol.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962.
Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1958, 1961, 1962.
Copa Roca: 1957, 1963.
Taça Bernardo O’Higgins: 1959, 1961.
Clubes da Carreira: Esporte Clube Roseiras (Roseiras-SP); São Paulo Futebol Clube (Pindamoiangaba-SP); Esporte Clube Taubaté (Taubaté-SP) (1948 a 1951 – todos como amador); Santos Futebol Clube (SP) (1952 a 1967).

Atacantes

Amarildo



Nome: Amarildo Tavares da Silveira.
Data de Nascimento: 29 de julho de 1940, Campos dos Goytacazes (RJ).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: 4 jogos, 4 vitórias, 3 gols.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Taça Oswaldo Cruz: 1961, 1962.
Taça Bernardo O’Higgins: 1961.
Clubes da Carreira: Goytacaz Futebol Clube (RJ) (1956 a 1957); Clube de Regatas do Flamengo (RJ) (1958); Botafogo de Futebol e Regatas (RJ) (1959 a 1963); Associazione Calcio Milan (ITA) (1963 a 1967); Associazione Calcio Fiorentina (ITA) (1967 a 1971); Associazione Sportiva Roma (ITA) (1971 a 1972); Clube de Regatas Vasco da Gama (RJ) (1973 a 1974).

Coutinho



Nome: Antônio Wilson Honório.
Data de Nascimento: 11 de junho de 1943, Piracicaba (SP).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: nenhum jogo.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Taça do Atlântico: 1960.
Copa Roca: 1963.
Taça Oswaldo Cruz: 1961, 1962.
Taça Bernardo O’Higgins: 1961.
Clubes da Carreira: Santos Futebol Clube (SP) (1958 a 1968 e 1970); Esporte Clube Vitória (BA) (1968); Associação Portuguesa de Desportos (SP) (1969); Club Deportivo Atlas (MEX) (1971); Bangu Atlético Clube (RJ) (1971 a 1972); Saad Esporte Clube (SP) (1973).

Garrincha



Nome: Manuel dos Santos.
Data de Nascimento: 28 de outubro 1933, Pau Grande (RJ).
Data de Falecimento: 20/01/1983, Rio de Janeiro (RJ).
Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962, 1966.
Em Copas do Mundo: 12 jogos, 10 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 5 gols.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962.
Taça Bernardo O’Higgins: 1955, 1961.
Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1961, 1962.
Clubes da Carreira: Botafogo de Futebol e Regatas (RJ) (1953 a 1965); Sport Club Corinthians Paulista (SP) (1966); Associação Atlética Portuguesa (RJ) (1967); Club Deportivo Atlético Junior (COL) (1968); Clube de Regatas do Flamengo (RJ) (1968 a 1969); Olaria Atlético Clube (RJ) (1971 a 1972).

Jair da Costa



Nome: Jair da Costa.
Data de Nascimento: 9 de julho de 1940, Santo André (SP).
Participação em Copas do Mundo: 1962.
Em Copas do Mundo: nenhum jogo.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1962.
Taça Oswaldo Cruz: 1962.
Clubes da Carreira: Associação Portuguesa de Desportos (SP) (1960 a 1962); Football Club Internazionale Milano (ITA) (1962 a 1967 e 1969 a 1972); Associazione Sportiva Roma (ITA) (1967 a 1968); Santos Futebol Clube (SP) (1972 a 1974); Windsor Star (CAN) (1974 a 1976).

Pelé



Nome: Édson Arantes do Nascimento.
Data de Nascimento: 23 de outubro de 1940, Três Corações (MG).
Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962, 1966, 1970.
Em Copas do Mundo: 14 jogos, 12 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 12 gols.
Títulos pela Seleção Brasileira:
Copa do Mundo: 1958, 1962, 1970.
Taça do Atlântico: 1960.
Copa Roca: 1957, 1963.
Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1962, 1968.
Taça Bernardo O’Higgins: 1959.
Clubes da Carreira: Santos Futebol Clube (1956 a 1974); New York Cosmos (EUA) (1975 a 1977).

Pepe



Nome: José Macia.

Data de Nascimento: 25 de fevereiro de 1935,
Santos (SP).

Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962.

Em Copas do Mundo: nenhum jogo.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958, 1962.

Taça do Atlântico: 1956, 1960.

Copa Roca: 1957, 1963.

Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1961, 1962.

Taça Bernardo O'Higgins: 1961.

Clubes da Carreira: Santos Futebol Clube (SP)
(1954 a 1969).

Vavá



Nome: Edvaldo Izídio Neto.

Data de Nascimento: 12 de novembro de 1934,
Recife (PE).

Data de Falecimento: 19 de janeiro de 2002,
Rio de Janeiro (RJ).

Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962.

Em Copas do Mundo: 10 jogos, 8 vitórias,
2 empates, 9 gols.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958 e 1962.

Taça Oswaldo Cruz: 1955, 1958, 1962.

Clubes da Carreira: Sport Clube do Recife (PE)
(1949 a 1950); Clube de Regatas Vasco da Gama
(1951 a 1958); Club Atlético de Madrid (ESP) (1958
a 1961); Sociedade Esportiva Palmeiras (SP) (1961
a 1963); Club América (MEX) (1964 a 1965 e 1966
a 1967); Club Deportivo Elche (ESP) (1965 a 1966);
Club Toros Neza (MEX) (1967 a 1968); San Diego
Toros (EUA) (1968 a 1969); Associação Atlética
Portuguesa (RJ) (1969).

Zagallo



Nome: Mário Jorge Lobo Zagallo.

Data de Nascimento: 09 de agosto de 1931,
Maceió (AL).

Participação em Copas do Mundo: 1958, 1962.

Em Copas do Mundo: 12 jogos, 10 vitórias,
2 empates, 2 gols.

Títulos pela Seleção Brasileira:

Copa do Mundo: 1958, 1962.

Taça do Atlântico: 1960.

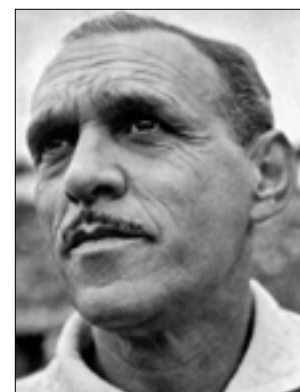
Copa Roca: 1963.

Taça Oswaldo Cruz: 1958, 1961, 1962.

Taça Bernardo O'Higgins: 1959, 1961.

Clubes da Carreira: América Futebol Clube (RJ)
(1948 a 1949 – como amador);
Clube de Regatas do Flamengo (RJ) (1950 a 1958);
Botafogo de Futebol e Regatas (RJ) (1958 a 1965).

Aymoré Moreira



Nome: Aymoré Moreira.

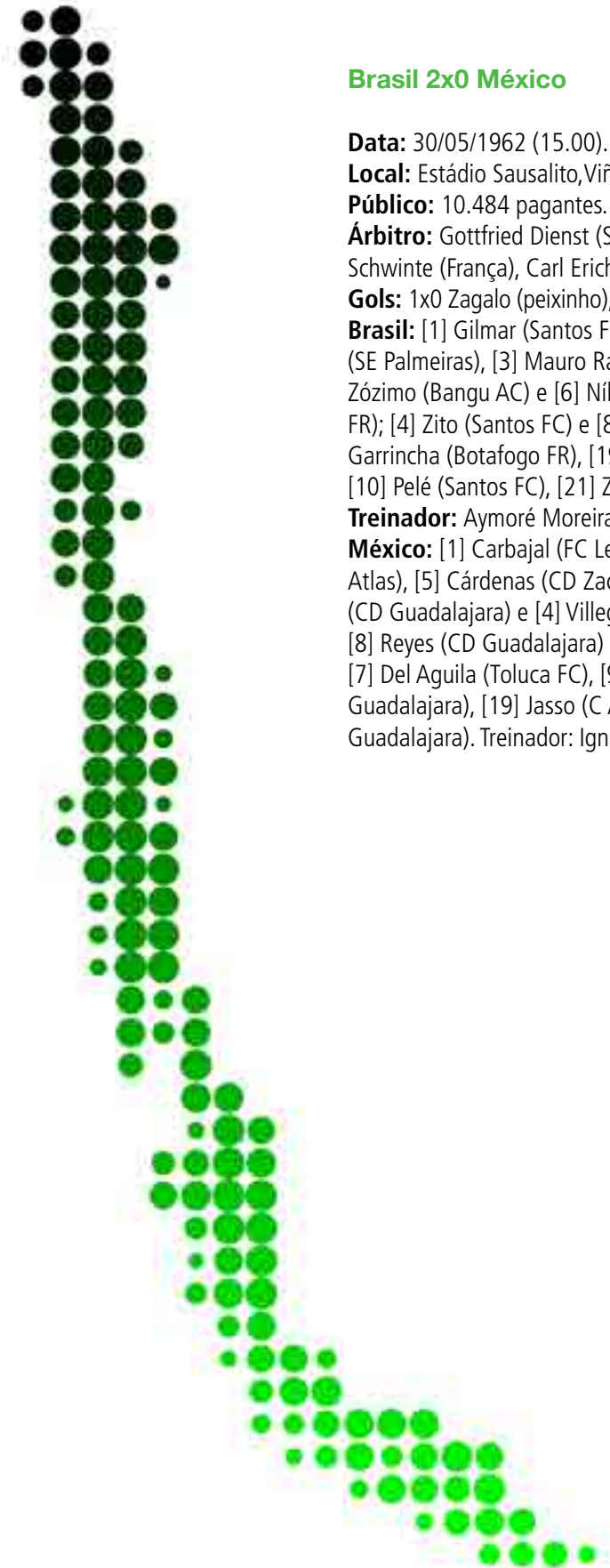
Data de Nascimento: 24 de abril de 1912,
Miracema (RJ).

Data de Falecimento: 26 de julho de 1998,
Salvador (BA).

Participação em Copas do Mundo: 1962.

Em Copas do Mundo: 6 jogos, 5 vitórias
e 1 empate.

Classificação: Campeão.



Brasil 2x0 México

Data: 30/05/1962 (15.00).
Local: Estádio Sausalito,Viña del Mar.
Público: 10.484 pagantes.
Árbitro: Gottfried Dienst (Suíça). Assistentes: Pierre Schwinte (França), Carl Erich Steiner (Áustria).
Gols: 1x0 Zagalo (peixinho), aos 56; 2x0 Pelé, aos 73.
Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [10] Pelé (Santos FC), [21] Zagallo (Botafogo FR).
Treinador: Aymoré Moreira.
México: [1] Carbajal (FC León); [2] Del Muro (FC Atlas), [5] Cárdenas (CD Zacatapec), [3] Sepúlveda (CD Guadalajara) e [4] Villegas; (CD Guadalajara); [8] Reyes (CD Guadalajara) e [6] Nájera (C América); [7] Del Aguila (Toluca FC), [9] Hernández (CD Guadalajara), [19] Jasso (C América) e [11] Díaz (CD Guadalajara). Treinador: Ignacio Trellez.

Brasil 2x1 Espanha

Data: 06/06/1962 (15.00).
Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar.
Público: 18.715 pagantes.
Árbitro: Sergio Bustamante (Chile). Assistentes: Estebán Marino (Uruguai), Jose Antonio Sundhelm (Colômbia).
Gols: 0x1 Adélardo, aos 35; 1x1 Amarildo, aos 72; 2x1 Amarildo (cabeça), aos 86.
Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [20] Amarildo (Botafogo FR), [21] Zagallo (Botafogo FR). Treinador: Aymoré Moreira.
Espanha: [1] Araguistáin (Real Madrid CF); [17] Rodri (FC Barcelona), [10] Gracia (FC Barcelona), [22] Vérges (FC Barcelona) e [7] Echeberria (Athletic C Bilbao); [13] Pachín (Real Madrid CF) e [4] Collar (C Atlético Madrid); [12] Peiró (C Atlético Madrid), [14] Puskás (Real Madrid CF), [18] Adélardo (C Atlético Madrid) e [5] Francisco Gento (Real Madrid CF). Treinador: Helenio Herrera.

Brazil 0x0 Tchecoslováquia

Data: 02/06/1962 (15.00).
Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar.
Público: 14.903 pagantes.
Árbitro: Pierre Schwinte (França). Assistentes: Gottfried Dienst (Suíça), Domingo Conley (Chile).
Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [10] Pelé (Santos FC), [21] Zagallo (Botafogo FR). Treinador: Aymoré Moreira.
Tchecoslováquia: [1] Schroif (Slovan Bratislava); [2] Lála (SK Slavia Praga), [4] Novák (AC Dukla Praga), [5] Pluskal (AC Dukla Praga) e [3] Popluhar (SK Slovan Bratislava); [6] Masopust (AC Dukla Praga) e [7] Stibrányi (SK Spartak Trnava); [8] Scherer (CH Bratislava), [19] Kvasnák (AC Sparta Praga), [10] Adamec (AC Dukla Praga) e [11] Jelínek (AC Dukla Praga). Treinador: Rudolf Vytlačil.

Brasil 3X1 Inglaterra

Data: 10/06/1962 (14.30).

Local: Estádio Sausalito, Viña del Mar.

Público: 17.736 pagantes.

Árbitro: Pierre Schwinte (França). Assistentes: Gottfried Dienst (Suíça), Segio Bustamante (Chile).

Gols: 1x0 Garrincha (cabeça), aos 30; 1x1 Hitchens, aos 38; 2x1, Vavá (cabeça), aos 53; 3x1, Garrincha, aos 59.

Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [20] Amarildo (Botafogo FR), [21] Zagallo (Botafogo FR). Treinador: Aymoré Moreira.

Inglaterra: [1] Springett (Sheffield Wednesday FC); [2] Armfield (Blackpool FC), [3] Ray Wilson (Huddersfield Town FC), [16] Bobby Moore (West Ham FC) e [15] Norman (Tottenham Hotspur FC); [6] Flowers (Wolverhampton Wanderers FC) e [17] Bryan Douglas (Blackburn Rovers FC); [8] Greaves (Tottenham Hotspur FC), [9] Hitchens (Aston Villa FC), [10] Haynes (Fulham FC) e [11] Bobby Charlton (Manchester United FC). Treinador: Walter Winterbottom.

Brasil 4X2 Chile

Data: 13/06/1962 (14.30).

Local: Estádio Nacional, Santiago.

Público: 76.594 pagantes.

Árbitro: Arturo Yamasaki (Peru). Assistentes: Luis Antonio Ventre (Argentina), Esteban Marino (Uruguai). Expulsões: Landa, aos 80; Garrincha, aos 83.

Gols: 1x0, Garrincha, aos 9; 2x0, Garrincha (cabeça), aos 31; 2x1, Toro (falta), aos 41; 3x1, Vavá (cabeça), aos 48; 3x2, Leonel Sánchez (pênalti), aos 62; 4x2, Vavá (cabeça), aos 78.

Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [20] Amarildo (Botafogo FR), [21] Zagallo (Botafogo FR). Treinador: Aymoré Moreira.

Chile: [1] Escuti (CD Colo Colo); [2] Eyzaguirre (CF Universidad de Chile), [5] Contreras (CF Universidad de Chile), [3] Raul Sánchez (Santiago Wanders) e [15] Manuel Rodríguez (Unión Española); [6] Eladio Rojas (Everton de Viña del Mar) e [8] Jorge Toro (CD Colo Colo); [7] Ramírez Banda (CF Universidad de Chile), [9] Landa (Green Cross Temuco), [21] Tobar (CF Universidad Católica) e [11] Leonel Sánchez (CF Universidad de Chile). Treinador: Fernando Riera Bauzá.

Brasil 3x1 Tchecoslováquia

Data: 17/06/1962 (14.30)

Local: Estádio Nacional, Santiago.

Público: 68.679 pagantes.

Árbitro: Nikolai Latichev (União Soviética). Assistentes: Robert Davidson (Escócia), Leo Horn (Holanda).

Gols: 0x1, Masopust, aos 15; 1x1, Amarildo, aos 17; 2x1, Zito (cabeça), aos 69; 3x1, Vavá, aos 78.

Brasil: [1] Gilmar (Santos FC); [2] Djalma Santos (SE Palmeiras), [3] Mauro Ramos (Santos FC), [5] Zózimo (Bangu AC) e [6] Nílton Santos (Botafogo FR); [4] Zito (Santos FC) e [8] Didi (Botafogo FR); [7] Garrincha (Botafogo FR), [19] Vavá (SE Palmeiras), [20] Amarildo (Botafogo FR), [21] Zagallo (Botafogo FR). Treinador: Aymoré Moreira.

Tchecoslováquia: [1] Schroj (SK Slovan Bratislava); [12] Tichy (AC Sparta Praga), [4] Novák (AC Dukla Praga), [5] Pluskal (AC Dukla Praga) e [3] Popluhar (SK Slovan Bratislava); [6] Masopust (AC Dukla Praga) e [17] Pospichal (AC Sparta Praga); [8] Scherer (CH Bratislava), [19] Kvasnák (AC Sparta Praga), [18] Kadraba (Sports Club Kladno) e [11] Jelínek (AC Dukla Praga). Treinador: Rudolf Vytlačil.





Esta é uma publicação totalmente institucional. Não pode ser copiada ou reproduzida, no todo ou em parte, nem ter utilizadas qualquer das suas imagens em outras publicações, ser comercializada de nenhuma maneira e a qualquer tempo, quer por pessoa física ou jurídica sem a prévia autorização do Governo Federal, Arquivo Nacional e da Confederação Brasileira de Futebol.





Ministério do
Esporte

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA